

MUSEU DO OURO



museu
do OURO



ibram
Instituto Brasileiro de Museus

RICARDO ALFREDO DE CARVALHO ROSA
ISABELLA CARVALHO DE MENEZES
ANDRÉIA NEVES FIGUEREDO

MUSEU DO OURO

COLEÇÃO MUSEUS DO IBRAM

BRASÍLIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
2017

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Roberto Freire

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Marcelo Mattos Araújo

Chefe de Gabinete

Marcos Mantoan

Diretora do Departamento de Processos Museais

Renata Bittencourt

Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus

Eneida Braga Rocha de Lemos

Diretor do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Dênio Menezes da Silva

Coordenadora Geral de Sistemas de Informação Museal

Rose Moreira de Miranda

Procuradora-Chefe

Eliana Alves de Almeida Sartori

MUSEU DO OURO



museu
do OURO



ibram
instituto brasileiro de museus

Coleção Museus do IBRAM

Projeto Editorial

Cláudia Storino e Mário Chagas

Coordenação Editorial

Sandro dos Santos Gomes

Redação e Pesquisa Iconográfica

Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa, Isabella Carvalho de Menezes e Andréia Neves Figueredo

Equipe Editorial

Sandro dos Santos Gomes, Vitor Rogério Oliveira Rocha e André Amud Botelho

Apoio Administrativo

Danilo Alves de Brito

Revisão

Marielle Costa Gonçalves

Projeto Gráfico

Casa 8

Diagramação e Paginação

Sabrina Mendes de Oliveira Castro

Diretor do Museu do Ouro

Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa

Equipe técnica do Museu do Ouro

Ângelo Zacarias Lanza (Chefe de Serviço),
Andréia Neves Figueredo (Técnica em
Assuntos Culturais - Museologia), Carla
Berenice Starling de Almeida (Técnica -

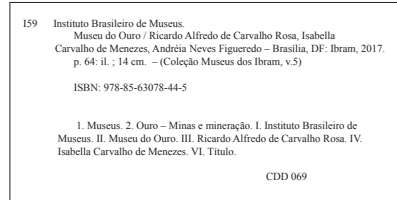
História), Débora Regina Cardoso (Técnica em Assuntos Culturais - Arquivologia), Fábio Lopes de Andrade (Técnico em Assuntos Culturais - Arquivologia), Hercília Batista Herculano (Assistente Administrativa/Conservadora), Isabella Carvalho de Menezes (Técnica em Assuntos Educacionais), Jurandir dos Santos Oliveira (Auxiliar Institucional/Conservador), Leonardo Miranda Paternost (Técnico em Assuntos Culturais - Biblioteconomia), Márcia de Oliveira Rocha (Assistente Técnica), Rafael Campos das Dores (Analista de Administração) e Ivângilda Bispo dos Santos (Estagiária - História).

Endereço

Instituto Brasileiro de Museus - Ibram
Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 08,
Bloco N, 13º andar - Brasília/DF
CEP: 70040-020

Telefone: + 55 (61) 3521-4420

www.museus.gov.br



Apresentação: Museu do Ouro

Os museus brasileiros abrigam tesouros de valor imensurável para a compreensão de nossa História, a formação de nossa identidade, a constituição de nossa memória coletiva. Temos a satisfação de oferecer ao público, neste quinto volume da Coleção Museus do Ibram, precioso registro sobre mais uma instituição de referência que integra nossa rede e se constitui, de seu prédio às coleções, como patrimônio atemporal do Brasil: o Museu do Ouro, em Sabará (MG).

O ouro foi um dos primeiros ingredientes do imaginário social brasileiro, tendo sua busca sido fator motivador da expansão ultramarina portuguesa. Seu achamento nos rincões do então Brasil colonial, em fins do séc. XVII, deslocou o eixo político-econômico brasileiro e foi decisivo para a formatação de nosso país como conhecemos hoje.

Diversos povoamentos foram fundados em Minas Gerais no bojo da exploração aurífera e são hoje testemunhos do desenvolvimento cultural que o interior do Brasil alcançou nesta época – entre eles a antiga Vila Real de Sabará. Situado na antiga Casa da Real Intendência e Fundação do Ouro de Sabará, o Museu do Ouro é local dos mais privilegiados para conhecer e sentir a explosão de prosperidade vivenciada em solo mineiro naqueles anos e estimar seu legado e influência.

Sempre em diálogo com o Brasil de hoje, a instituição conserva com excelência o edifício, tombado como patrimônio nacional em 1950, e seu vasto acervo histórico e bibliográfico, objeto de contemplação e pesquisa. Para além disso, desenvolve práticas em educação, museologia social e constante busca de novos olhares ante a riqueza sob sua guarda, que convidam os visitantes a uma contínua redescoberta. Boa visita!

PALAVRA DO MUSEU

Desde o alvorecer da humanidade, o ouro, enquanto metal precioso, despertou fascínio e admiração nos homens, estando intimamente ligado às relações que envolvem poder, riqueza, conquista e cobiça.

No Brasil, a nossa gênese social, pós-descobrimento, foi moldada a partir de objetivos mercantilistas e exploratórios do colonizador europeu, primeiro com os “ciclos” extrativistas de natureza vegetal e depois com os de natureza mineral, sendo o mais marcante e significativo o do ouro.

Com a descoberta e o desenvolvimento da atividade de extração de ouro, na região conhecida como as Minas Gerais, a Coroa Portuguesa, em meados do século XVIII, criou uma série de leis e dispositivos destinados a regular sua exploração, controle e tributação. Dentro desse contexto, surgia a Casa da Real Intendência e Fundição do Ouro de Sabará, atual Museu do Ouro.

Inaugurado em 1946, dentro dos ideais de artistas e intelectuais modernistas que elencavam o Barroco Colonial, nas suas diversas vertentes, como o estilo mais representativo e genuíno da arte nacional, o museu, ao completar 70 anos de atuação, rediscute o seu papel perante a sociedade, não somente como símbolo de representação de poder, dominação e conquista, mas também como um elemento plural e democrático de integração, discussão e difusão cultural.

Cientes das responsabilidades do presente e dos desafios do futuro, procuramos,

cada vez mais, desenvolver e aprimorar ações e processos de cunho sociocultural. Novas linguagens, atividades, enfoques e interpretações apresentam-se como essenciais para a identificação, o fortalecimento de vínculos e o estreitamento de relações entre o museu, a comunidade e o público visitante.

Sejam bem-vindos e boa leitura!

Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa

Diretor do Museu do Ouro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
O MUSEU	23
— Prédio e instalações	23
— Histórico do museu	28
— A missão do museu	31
— Exposição do museu	31
— O Forro dos Quatro Continentes	37
— O Acervo Museológico	40
ARQUIVO HISTÓRICO E BIBLIOTECA	43
SERVIÇOS DO MUSEU	45
— Práticas Educacionais e Culturais	45
— Atendimento à pesquisa	50
VISITAÇÃO AO MUSEU DO OURO	51
OLHARES DOS VISITANTES	52
VISITE TAMBÉM	54
ÚLTIMAS PALAVRAS	59
BIBLIOGRAFIA	60



“(...) Museu do Ouro,
imagina-se logo
um palácio resplandecente;
nada disto,
é uma simples casa brasileira
do melhor teor,
casa mineira -
harmoniosa e pacífica.”

(Lúcio Costa)



ENGENHO para triturar
minério aurífero - século XIX.

Daniel Mansur, Acervo Museu da Ouro Preto (F11111)

INTRODUÇÃO

A COBIÇA DO OURO

Desde a antiguidade, o ouro, por suas características muito específicas, despertou na psique humana forte associação simbólica, contribuindo para o seu emprego em objetos ligados ao poder, nobreza, pureza e opulência. Muitas foram as lendas criadas a seu respeito; uma delas, disseminada entre portugueses e espanhóis, dizia respeito a um Eldorado presente nos sertões do novo mundo.

No caso do Brasil Colônia, acreditava-se na existência de uma montanha resplandecente (conhecida como Sabarabuçu). Segundo a narrativa, aos pés dessa montanha estaria uma lagoa repleta de esmeraldas, ouro e prata. Muitas histórias fantásticas foram criadas a partir dessa lenda, como o mito sobre a movimentação da montanha que podia ser vista sob a proteção da noite, sempre à distância, mas que desaparecia aos primeiros raios do sol. É inquestionável que tais mitos alimentavam as esperanças daqueles que se lançavam na corrida pelo ouro e atendiam, sobremaneira, aos interesses da Coroa Portuguesa na exploração, reconhecimento, ocupação e descobrimento de possíveis riquezas na colônia.

Nesse período, a região das minas era um imenso e inóspito sertão, sem qualquer núcleo urbano. Contudo, e apesar da inexistência de infraestrutura que atendesse às necessidades dos grupos de viajantes, e da presença de perigos mortais como doenças, animais selvagens e as defensivas indígenas contra a invasão dos forasteiros, aumentava a cada dia o número de indivíduos e aventureiros naquelas paragens. Várias entradas e bandeiras - expedições ao interior da colônia que tinham como objetivo a descoberta dos tão cobiçados minerais e, por vezes, a captura de índios - foram organizadas com o patrocínio da Coroa ou mesmo por iniciativa de particulares. As expedições partiam, geralmente, das capitânicas de São Paulo e da Bahia.

Entre o final do século XVII e início do XVIII, foram descobertos importantes veios de ouro na região que ficou conhecida, mais tarde, como Minas Gerais. As versões mais difundidas na historiografia têm em Borba Gato ou Antônio Rodrigues Arzão, ambos bandeirantes paulistas, os prováveis descobridores. Muitos outros aventureiros se lançaram em seu rastro, na incerta procura pelo tão sonhado Eldorado. Entre eles se encontravam também indivíduos vindos de Portugal e de outros países europeus, atraídos pelas histórias e promessas de um paraíso na Terra.

BATEIA DE MINERAÇÃO.
Séculos XVIII – XIX.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/IBRAM/MinC.



UM DOS OBJETIVOS DA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO DO MUSEU é representar as principais técnicas e processos utilizados na extração do ouro. Na imagem podemos ver antigas lanternas usadas nas minas onde o ouro era extraído - século XIX.

Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/IBRAM/MinC.

BARRA DE OURO – século XVIII.

Enquanto metal precioso, o ouro sempre esteve ligado às relações de poder, riqueza, conquista e cobiça. Para regular a sua exploração, a Coroa Portuguesa criou uma série de leis e dispositivos. Nesse contexto surgiu a Casa da Real Intendência e Fundação do Ouro de Sabará, atual Museu do Ouro.



- **Cunho da Coroa Portuguesa com o timbre da Vila Real de Sabará:** marcação feita com o brasão da Coroa Portuguesa, autenticando a fundição como uma repartição oficial. Eram usados diferentes cunhos para as diversas casas de fundição, e regularmente eram trocados para evitar falsificações;
- **Número 200:** número de série de fabricação. Trata-se da barra de número 200;
- **1794:** ano em que a barra foi fundida;

- **Monograma do ensaiador:** entrelaçamento das letras iniciais ou principais do nome do ensaiador. O ensaiador era o oficial responsável pela verificação do quilate do ouro;
- **Toque 23:** esta marca indica, em quilates, a pureza do ouro. No caso, uma barra com 23 quilates;
- **Números 0-1-7-24:** trata-se da marcação do peso da barra, ou seja: 01 onça, 07 oitavas e 24 grãos.



PRENSA DA ANTIGA
Casa de Intendência e
Fundição do Ouro de Sabará,
atual Museu do Ouro.

Ao longo do século XVIII, apesar dos métodos precários de extração, a Capitania de Minas Gerais produziu, pela contabilidade oficial, cerca de 650 toneladas de ouro. Outras 300 toneladas, aproximadamente, não chegaram aos cofres da Coroa, seguindo um caminho clandestino através de uma rede de contrabando complexa e que envolvia diversos segmentos da sociedade. Somando a produção oficial ao contrabando, a média de extração, nesses 100 anos, foi de 792 kg de ouro por mês ou 26 kg por dia. Pela cotação atual, a produção oficial de ouro, só em Minas, naquele período, valeria hoje cerca de R\$ 32,3 bilhões. Somente com o imposto sobre a produção do metal, a Coroa Portuguesa lucrou o equivalente a 105 toneladas de ouro.

O OURO E O SURGIMENTO DE SABARÁ

O grande fluxo migratório, determinado pelo descobrimento de ouro na região conhecida como as Minas Gerais, ocasionou o surgimento de inúmeros povoados. Sendo um desses núcleos de povoamento, Sabará surgiu a partir de pequenos arraiais fundados por bandeirantes, no final do século XVII.

O nome Sabará tem várias interpretações. Uma das mais prováveis é a corruptela do tupi-guarani sabaá (enseada, curva do rio) e buçu

(grande), designando o encontro do rio Sabará com o rio das Velhas. Outra interpretação é que o nome Sabarabuçu seja uma derivação de Itaberabuçu, isto é, montanha grande que resplandece, numa alusão à atual Serra da Piedade.

Com o aumento da atividade de extração de ouro, o primitivo povoado é elevado à categoria de vila, logo após a Guerra dos Emboabas, em 1711, passando a se chamar Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabarabuçu. A condição de vila e importante núcleo minerador trouxeram, para a localidade, modificações urbanas e a criação de uma infraestrutura administrativa, composta basicamente por Casa de Câmara e Cadeia, Casa de Fundação e, posteriormente, Intendência do Ouro. Cabe destacar que, em 1714, Sabará se torna sede da Comarca do Rio das Velhas e, mais adiante, em 1838, atinge o status de cidade.

Já como município, no final do século XIX, Sabará tem efetiva participação no nascimento da nova capital do Estado, a Cidade de Minas, cedendo terras de uma de suas localidades, conhecida como Arraial do Curral del Rei, para a construção da nova cidade. Apesar da inauguração em 1897, a nova capital só passou a se chamar Belo Horizonte em 1901.

A trajetória e a memória do museu entrelaçam-se com a própria história do município de Sabará. Tal constatação advém da decisão de se criar, em 1945, no prédio da antiga Intendência do Ouro, um museu temático voltado exclusivamente para o período de apogeu da extração aurífera no Brasil, em especial no Estado de Minas Gerais. Diversas foram as gerações de sabarenses que conviveram, e convivem, com a forte carga simbólica contida no prédio, nos seus acervos e nos personagens que, ao longo dos tempos, passaram por aqui. Conheça, a partir de agora, o Museu do Ouro.

Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/Ibram/MInC.



ADAGA,
com guarda-mão.
Século XVIII.

BRASÃO DE ARMAS
da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará - século XVIII. A elevação à categoria de vila trouxe, para a localidade, modificações urbanas e a criação de uma infraestrutura administrativa.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/Ibram/MInC.

CRIADO PELO então presidente da República, Getúlio Vargas, em 23 de abril de 1945, o Museu do Ouro foi inaugurado no ano seguinte. Na foto, solenidade de inauguração do museu com a presença da Banda da Sociedade Musical Santa Cecília.



Autor desconhecido. Arquivo Museu do Ouro/Itambé/MInC.

O MUSEU

PRÉDIO E INSTALAÇÕES

A Casa de Fundição de Sabará entrou em funcionamento em julho de 1734. Entretanto, já no ano seguinte a Coroa Portuguesa adotou novo sistema de cobrança do Real Quinto, conhecido por Capitação, e as Casas de Fundição foram extintas. Criaram-se, então, nas vilas sedes de Comarca, as Intendências do Ouro. Estabelecida por Carta Régia datada de 28 de janeiro de 1736, a Real Intendência do Ouro de Sabará era uma das mais importantes da região das Minas Gerais devido à sua área de abrangência e volume de produção de ouro. Funcionou de forma autônoma, até 1750, quando nova reestruturação administrativa recria as antigas casas de fundição, integrando-se a elas as já existentes intendências.

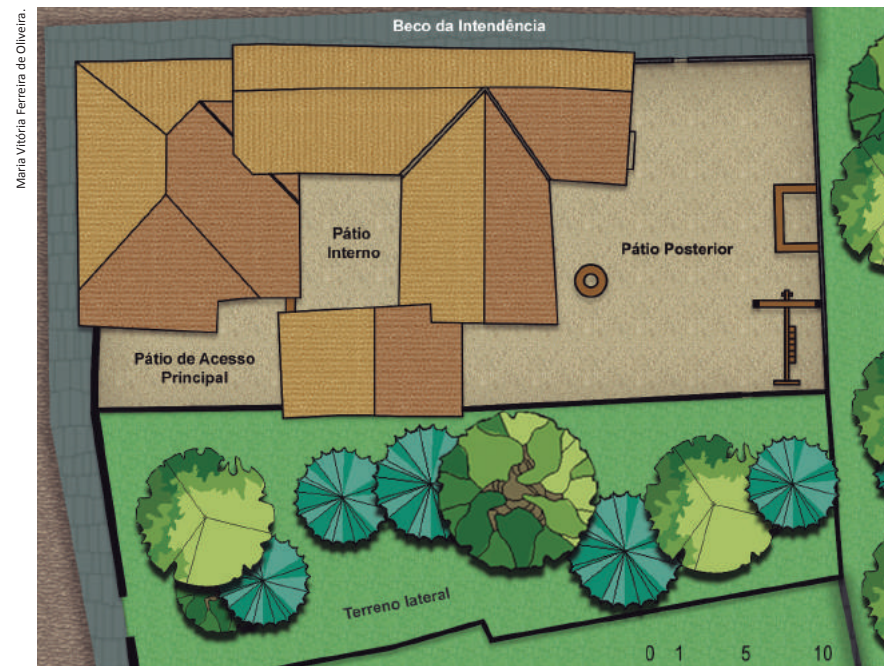
O restabelecimento da Casa de Fundição de Sabará acontece por intermédio de Ofício datado de 21 de julho de 1751, porém, devido ao precário estado de conservação da construção, são solicitadas providências para a sua reforma. Diante da situação, a Carta Régia de 1º de agosto de 1751 determina a reedificação do prédio, assim como a vin-

da, da cidade do Rio de Janeiro, de material e equipamentos para seu funcionamento. Como resultado dessas intervenções, é possível que a edificação tenha adquirido as suas características arquitetônicas atuais, tornando-se um sobrado, ficando o primeiro pavimento ocupado pelas instalações administrativas e o segundo utilizado como residência dos intendentes, ganhando, com isso, seus elementos decorativos internos, como os forros de madeira apainelados dos tetos das salas.

Em meados do século XIX, todas as casas de intendência e fundição já haviam paralisado as suas atividades, sendo a de Sabará extinta no ano de 1830. Porém, a abolição formal desses estabelecimentos só iria ocorrer por lei em 25 de outubro de 1832, já durante o Segundo Reinado. Com o término das suas atividades administrativas, a construção foi levada a leilão em 1840, sendo arrematada pelo Comendador Séptimo da Paula Rocha, que passou a utilizá-la como sua residência, instalando também no local uma escola.

O prédio, tombado como Patrimônio Nacional, em 28 de junho de 1950, tem sua estrutura arquitetônica constituída por vigas de sustentação e armações do telhado, em madeira; telhas coloniais, em cerâmica; paredes em taipa de mão ou pau-a-pique, com revestimento em tijolos e massa de adobe e pintura em cal virgem, com acabamento em tinta a óleo nas estruturas das portas, janelas, sacadas e beirais.

O Museu do Ouro possui um arquivo histórico e uma biblioteca, instalados em uma unidade anexa, a Casa Borba Gato. Trata-se, também, de uma construção tipo sobrado do século XVIII, tombada como Patrimônio Nacional, em 17 de junho de 1938.



PLANTA DE SITUAÇÃO.



PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO.

Maria Vitória Ferreira de Oliveira.



PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO.

Maria Vitória Ferreira de Oliveira.

HISTÓRICO DO MUSEU

No ano de 1937, os descendentes do Comendador Séptimo da Paula Rocha vendem o imóvel da antiga Casa de Intendência e Fundação de Sabará, praticamente em ruínas, para o engenheiro Louis Ensck, diretor da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que o doa, dois anos depois, ao governo brasileiro. Em 30 de outubro de 1940, o governo federal transfere a tutela administrativa e patrimonial do prédio para o então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, órgão do Ministério da Educação e Saúde que o restaurou para transformá-lo em um museu que documentasse e sintetizasse a história da mineração do ouro na antiga Capitania de Minas Gerais.

O SPHAN nasceu das considerações de um documento elaborado pelo poeta e escritor modernista Mário de Andrade, em 30 de novembro de 1937, sendo o seu primeiro diretor o jornalista e também escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade. No período em que ele e seu grupo estiveram à frente do SPHAN, foi dada especial ênfase aos estudos e tombamentos de monumentos da arquitetura colonial barroca, em especial, no Estado de Minas Gerais.

Em 23 de abril de 1945, o Presidente da República Getúlio Vargas, por intermédio do Decreto nº 7.483, cria o Museu do Ouro, sendo a

instituição inaugurada no dia 16 de maio de 1946. Ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI, o museu esteve sob a administração de diversos órgãos federais ligados ao patrimônio histórico e artístico. Tal situação reflete a própria trajetória de consolidação da área cultural em nosso país. Desde 2009, o museu encontra-se sob a gestão do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, autarquia federal ligada ao Ministério da Cultura.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/IBRAM/MinC.

MURAL DOS GARIMPEIROS,
de Martha Loutsch, artista alemã radicada no Brasil na segunda metade da década de 1930.



ASPECTO DA SALA
“A Extração do Ouro de Veio
(século XIX)”, localizada no
pavimento térreo do museu.

Sylvana Lobo, Adeno: Museu do Ouro/Itam/Minc.

A MISSÃO DO MUSEU

O Museu do Ouro, na sua leitura tradicional, tem por finalidade a prestação de serviços à sociedade, por intermédio da pesquisa, preservação, divulgação, promoção e valorização do patrimônio cultural relacionado à dinâmica e à influência da mineração do ouro no País, atendendo aos aspectos principais da sua evolução, da sua técnica e da sua influência no desenvolvimento econômico e na formação social do Estado de Minas Gerais e do restante do Brasil.

EXPOSIÇÃO DO MUSEU

O museu apresenta, hoje, um circuito de exposição de longa duração distribuído por núcleos que representam conceitualmente as funções originais da Casa de Intendência e Fundação do Ouro de Sabará, as principais técnicas e processos utilizados na extração do ouro e os hábitos e costumes de parte da sociedade mineira do século XVIII. No pavimento térreo do museu encontram-se os seguintes núcleos: “Os Modernistas e o Museu do Ouro (século XX)”, “A Real Casa da Intendência e Fundação do Ouro de Sabará (século XVIII)”, “A Extração do Ouro de Aluvião (século XVIII)”, “A Extração do Ouro de Veio (século XIX)” e “Maquetes Didáticas (extração do ouro de alu-



IMAGEM DE SANTANA MESTRA,
atribuída a Antônio Francisco Lisboa,
o Aleijadinho - século XVIII.

vião e veio)". Já no pavimento superior o museu apresenta outros quatro núcleos, a saber: "A Sala dos Quatro Continentes (século XVIII)", "A Religiosidade na Sociedade Mineradora (séculos XVIII e XIX)", "Sala das Porcelanas (século XIX)" e "A Residência do Intendente - salas ambientadas (século XVIII): Quarto de Donzela, Escritório e Quarto do Rico Minerador".



ROCA DE FIAR,
século XIX.



BACIA E JARRO
em prata repuxada,
século XVIII.



Leonardo Lara. Arquivo: Museu do Ouro/IBRAN/MINIC

Arquivo: Museu do Ouro/IBRAN/MINIC



VISTA DO SERVIÇO DIAMANTINO
NO SÍTIO DO MONTEIRO,
no Rio Jequitinhonha.
Modesto Antônio Maier, 1803.



O FORRO DOS QUATRO CONTINENTES

é um dos destaques no pavimento superior da antiga Casa de Intendência e Fundação de Sabará. De autoria anônima, a pintura representa a presença e o domínio de Portugal nos quatro cantos do mundo.

Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/Ibama/MInC.

O FORRO DOS QUATRO CONTINENTES

No decorrer do século XVIII, em regiões como Minas Gerais, as pinturas decorativas, na sua grande maioria anônimas, passam a ornamentar o interior de igrejas, conventos, residências e prédios públicos. Nas obras, é dada especial ênfase a motivos ligados a temas da mitologia greco-romana, sacros, orientais (chineses), natureza (árvores, guirlandas, conchas, pássaros etc.) e a divulgação do Estado. Em aspectos gerais, podemos observar até uma certa harmonia, uma convivência entre os temas retratados, quer sejam religiosos, quer sejam mundanos.

No pavimento superior, área residencial da antiga Casa de Intendência e Fundação de Sabará, foram pintados, no teto da sala de recepção, como provável resultado da reforma empreendida no início da segunda metade do século XVIII, os painéis que compõem o conjunto do forro conhecido como o dos Quatro Continentes. Caracterizado por cinco painéis independentes em madeira policromada que juntos compõem a totalidade da cena, a pintura do forro artesoadado, de autoria anônima, representa o domínio e a presença de Portugal nos quatro cantos do mundo.

No painel central, horizontal, a área é dominada pelo Brasão de Armas do Reino de Portugal guarnecido por objetos emblemáticos como bandeiras, trombetas, tambores e armas militares - lanças, espadas e canhões. Nas laterais do forro, completando a obra, estão dispostos, em posições inclinadas, os painéis que retratam, através de cenas alegóricas, os quatro continentes: Europa, América, África e Ásia.

A cronologia original da obra, início da segunda metade do século XVIII, explica o porquê da não representação do quinto continente, a Oceania, apesar de já se verificar a presença de países europeus na região, inclusive a de Portugal, cuja colonização no Timor Português, atual Timor Leste, deu-se a partir de 1702. Precisamos compreender que as iconografias, relativas à representação geográfica do mundo, mesmo após o Renascimento, levaram um certo tempo para se desencilharem da simbologia e da emblemática utilizadas até então. Contudo, novas realidades passaram a permear o olhar do europeu, determinando o abandono gradativo da antiga mensagem simbólica, notadamente contida no número quatro, quer seja através das quatro estações, dos quatro elementos, dos quatro continentes, dentre outros, passando a dar lugar a uma nova representação artística do mundo, cada vez mais mimética, e que atinge o seu apogeu com a essência contida na teoria humanista.

A reprodução do tema dos Quatro Continentes foi comum em todas as áreas de colonização europeia. A presença de artistas e artífices europeus, bem como a circulação de imagens e gravuras, contidas em manuscritos e tratados, contribuíram para a disseminação do tema. As diversas interpretações desses modelos pelos artistas e aprendizes locais determinaram variações e alterações nos motivos artísticos representados que, no entanto, não alteraram a emblemática, a finalidade e o objetivo das obras.



DETALHE LATERAL DO FORRO DOS QUATRO CONTINENTES, com cena alegórica representando a América.

O ACERVO MUSEOLÓGICO

O acervo museológico do Museu do Ouro começou a ser constituído em meados da década de 1940 do século XX. Inicialmente, foram adquiridos, por meio de compras e doações de famílias tradicionais do Estado de Minas Gerais, objetos relacionados a costumes sociais e práticas de mineração. A instituição, atualmente, possui um acervo museológico composto por 879 itens, 54% em exposição e 46% em reserva técnica, constituídos na sua maioria por peças de mobiliário, armaria, porcelanas, imaginária religiosa, maquetes e objetos ligados à prática da mineração (séculos XVIII e XIX).

A última incorporação significativa de acervo museológico aconteceu no ano de 1975, quando foram doadas ao museu pelo engenheiro A. G. N. Chalmers, antigo diretor da Companhia de Mineração Morro Velho, 130 amostras minerais que passaram a constituir a Coleção Red Cross.



CONJUNTO DE CADINHOS EM CERÂMICA, utilizados no processo de fundição do ouro. Século XVIII.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/IBRAM/MinC.



ALMOFARIZ COM AS ARMAS DA COROA PORTUGUESA, datado de 1771, de provável uso na antiga Casa de Fundição de Sabará.

BAÚ COFRE DE TRÊS CHAVES, pequenas dimensões, com policromia imitando a laca chinesa. Século XVIII.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/IBRAM/MinC.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro /library/Minc.

CASA BORBA GATO,
local onde funcionam o arquivo histórico e a biblioteca do Museu do Ouro. Apesar do nome, não há qualquer tipo de comprovação histórica de que o bandeirante paulista, Manoel de Borba Gato, tenha residido no local.

ARQUIVO HISTÓRICO E BIBLIOTECA

O arquivo documental histórico e a biblioteca estão instalados em outra construção, localizada nas imediações do museu, chamada de Casa Borba Gato. Apesar do nome, não há qualquer tipo de comprovação histórica de que o bandeirante paulista, Manoel de Borba Gato, tenha residido no local. Tal associação, possivelmente, deve-se ao endereço do imóvel, situado à Rua Borba Gato, nº 71.

O acervo do arquivo documental histórico começou a ser constituído desde a criação do Museu do Ouro, em 1945, e compõe-se de documentação cartorial originada nas Ouvidorias e Provedorias, nos Cartórios do Primeiro e Segundo Ofícios, da antiga Comarca do Rio das Velhas, séculos XVIII e XIX, cuja sede, desde 1714, foi a outrora Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, hoje cidade de Sabará.

A coleção bibliográfica, iniciada em meados dos anos 40 do século XX, através de doações de entidades públicas, privadas e particulares, possui mais de 3.300 títulos registrados, entre os quais se encontram obras referentes à formação do Estado de Minas Gerais e do Brasil, arquitetura e história da arte, incluindo valiosa coleção de obras raras com edições que datam do século XVIII.



DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO SÉCULO XVIII presente na Casa Borba Gato. Documentos cartoriais originados nas Ouvidorias e Provedorias, nos Cartórios do Primeiro e Segundo Ofícios, da antiga Comarca do Rio das Velhas, compõem o acervo documental histórico do Museu do Ouro.

SINETES UTILIZADOS na antiga Casa de Intendência e Fundação do Ouro de Sabará - século XVIII.



SERVIÇOS DO MUSEU

PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

O Museu do Ouro oferece um programa de visitas orientadas aos grupos de escolares e visitantes em geral, mediante agendamento prévio. Atividades interativas são incluídas na programação, especialmente a partir do desenvolvimento de jogos com temáticas voltadas para o acervo, para aguçar a imaginação do público. Outras ações educativas e culturais são realizadas em parceria com a comunidade local ou inseridas no calendário anual de eventos do Ibram, como a Semana Nacional de Museus e a Primavera dos Museus.

Ponto de Memória “Contando Histórias do Pompéu”

O Museu do Ouro é instituição parceira do “Ponto de Memória Contando Histórias do Pompéu”, implementado em 2012. Pompéu é um bairro do distrito de Mestre Caetano, na área rural do município de Sabará. Foi fundado no início do século XVIII, a partir da exploração de minas de ouro e hoje sua economia baseia-se na produção agrícola. Por meio de ações de valorização da memória coletiva, pesquisas de

campo, registro documental e realização de trocas de saberes, além da criação de processos artísticos em narrar e contar histórias, os profissionais envolvidos e a comunidade buscaram refletir e inter-relacionar os saberes e tradições do lugar.

Projeto “O Museu vale Ouro”

O projeto de valorização da memória institucional do Museu do Ouro, realizado durante a Semana Nacional de Museus - 2011, envolveu a pesquisa de fontes documentais e orais; a criação de apresentações artísticas de música, malabares e contação de histórias para estudantes da educação básica e da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - Sabará, no pátio do museu; oficinas de desenhos nas escolas; mostra de trabalhos dos alunos no museu; visitas orientadas ao museu e palestra na Faculdade de Sabará.

Projeto “Mulheres de Ouro”

O projeto visou à valorização e à aproximação entre mulheres da comunidade e o museu. No módulo “Mães de Ouro”, as mães de alunos da APAE - Sabará participaram de visitas orientadas ao museu, rodas de memória e oficinas de artesanato em retalhos, para a produção

APRESENTAÇÃO
DE MALABARES
para alunos do Ensino
Fundamental, no pátio
do Museu do Ouro,
durante a 9ª Semana
Nacional de Museus,
em 2011.



Herculina Herculano. Acervo: Museu do Ouro/Ibram/MinC.



Herculina Herculano. Acervo: Museu do Ouro/Ibram/MinC.

APRESENTAÇÃO
ARTÍSTICA
do grupo “Aldeia -
Teatro de Bonecos”,
no pátio do Museu do
Ouro, durante a
9ª Primavera dos
Museus.



EVENTO DE LANÇAMENTO DO “PANNEAU DE MEMÓRIAS”, produzidos pelas mães de alunos matriculados na APAE-Sabará. As “mães de ouro” também participaram de visitas orientadas ao museu, rodas de memória e oficinas de artesanato em retalhos.

NOITE DE SARAU NO MUSEU DO OURO, para apresentação dos poemas da obra literária “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles. O projeto contou também com uma exposição de fotos, versos e cartas da autora, além de uma viagem dos alunos ao palco da Inconfidência Mineira, Ouro Preto.



de um “panneau de memórias”, enquanto o módulo “Vovós de Ouro” promoveu a visita de idosas asiladas (80 a 102 anos) ao museu, registro das memórias e oficinas de artesanato para a confecção de marcadores de livros e fuxicos. A iniciativa foi realizada durante a Primavera dos Museus, 2011.

Projeto Sarau em homenagem aos 60 anos do livro “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles

Entre versos e objetos, na Semana Nacional de Museus - 2013, os alunos da Escola Estadual Paula Rocha, da ONG Projeto Cidadão e do grupo Arautos da Poesia participaram de oficinas de canto, percussão, desenho e criação artística para a interpretação dos poemas de Cecília Meireles, apresentados numa noite de sarau no Museu do Ouro. O projeto envolveu ainda a montagem de uma exposição de fotos, versos e cartas da autora e uma viagem dos alunos participantes à cidade de Ouro Preto, cenário da Inconfidência Mineira.

Projeto “Memórias e Esquecimentos, a representação indígena no Museu do Ouro”

Durante a Primavera dos Museus - 2015, foram desenvolvidas atividades de contação de histórias e apresentação de teatro de bonecos

(marionetes), para alunos da rede municipal de ensino. Tais ações tiveram por objetivo resgatar, ampliar, debater e valorizar a história e as lendas da nação Kaxixó, povo indígena nativo da região de Sabará.

ATENDIMENTO À PESQUISA

Para todos que desejarem realizar pesquisas sobre o acervo e a história do Museu do Ouro é necessário um contato prévio, pelo email: mdo@museus.gov.br.



Daniel Mansur. Acervo: Museu do Ouro/lbram/MinC.

BALAUSTRAS DE UMA DAS JANELAS do Museu do Ouro.

É possível que a edificação tenha adquirido as características arquitetônicas atuais a partir das intervenções que sofreu na segunda metade do século XVIII.

VISITAÇÃO AO MUSEU DO OURO

MUSEU - CASA DE INTENDÊNCIA E FUNDIÇÃO DO OURO

Terça a sexta-feira, das 10h às 17h.

Sábados, domingos e feriados, das 12h às 17h.

ARQUIVO HISTÓRICO E BIBLIOTECA - CASA BORBA GATO

Segunda a sexta-feira, das 09h às 15h.

EXPEDIENTE ADMINISTRATIVO

Segunda a sexta-feira, das 09h às 17h.

ENDEREÇO E CONTATOS

Rua da Intendência, s/n - Centro, Sabará/MG.

Telefone: (31) 3671-1848

Email: mdo@museus.gov.br

O Museu do Ouro recebe visitas de grupos escolares, de terça a sexta-feira, no horário das 10h às 17h. O agendamento pode ser feito pelo telefone (31) 3671-1848 ou pelo e-mail: mdo@museus.gov.br.

O museu oferece o serviço de visita orientada à exposição, devendo este ser solicitado no ato do agendamento.

OLHARES DOS VISITANTES

A equipe do Museu do Ouro preocupa-se em manter um constante diálogo com os seus visitantes. Na recepção do museu são disponibilizados formulários para o livre registro de apontamentos do público. Os relatos deixados pelos visitantes constituem importantes fontes para a compreensão da atividade de visitação do museu. Abaixo, estão transcritos alguns desses registros, recolhidos no Museu do Ouro entre os anos de 2011 e 2016:

“Achei muito interessante! Com um valor histórico e cultural incalculável. Para nós, sabarenenses, conhecer um pouco da nossa história e da história do Brasil   resgatar nossas raízes, reviver nossas tradi es. Estou levando uma bagagem cheia de conhecimentos.” (M.F.S, Sabará-MG, maio/2013)

“Acho  timo aqui, já vim aqui umas 500 vezes, olha que só tenho 12 anos!” (L.E.T, Sabará-MG, novembro/2011)

“Estar aqui   como mergulhar em um dos rios da história. Cada detalhe nos leva a refletir sobre os caminhos do ouro, da f , da desigualdade de condi es que

perpetua até os dias de hoje. Obrigada pela ótima recep o.” (L.S.O, Vespasiano-MG, junho/2011)

“Fiquei feliz de conhecer um pouco da nossa história com tamanha riqueza de detalhes.   muito bom também saber que nossa história se encontra tão bem conservada, limpa e bonita. Até o cheiro deste museu nos remete a um tempo que não conhecemos, mas que sonhamos, em nosso  timo. Parabéns!” (A.B.S, Guaxupé-MG, setembro/2013)

“Adorei conhecer este museu, seu valor histórico  , sem d vida, o mais importante que conheci, tanto na Europa, como na América Latina. Muito obrigado. Felicito o acolho.” (A.N.A, Paris-França, abril/2011)

“Parabenizo pela cria o e manuten o do museu. Apenas senti falta de referências   parte da explora o dos escravos para a constru o das minas e de todo o resto. Gostaria que esta parte da história fosse melhor contada, para que nunca seja subestimada.” (A.M.A, Caeté-MG, jun/2016).

“S  se ama o que se conhece. Por favor, continuem preservando estas maravilhas para os nossos futuros netos e bisnetos!” (N.C.O. Taubaté-SP, maio/2015).

VISITE TAMBÉM

A cidade de Sabará transmite ao visitante ares de uma temporalidade escoada. Traços da antiga vila mineradora se manifestam na conformação das ruas e becos, no velho casario, nos chafarizes e no semblante dourado das igrejas – “tudo tudo é inexoravelmente colonial”, poetizou Drummond (1930). Ao menos na extensão do território onde se estabeleceram os primeiros núcleos de povoamento, os vestígios dessas memórias resistem ao tempo. Da mesma forma, a sociabilidade dos moradores perpetua saberes e tradições, matizados por transformações diversas. Assim, o visitante também se depara com ritos e celebrações, bandas de música, toque dos sinos, culinária típica à base de jabuticaba, ora-pro-nobis e banana, e com os fazeres artesanais repassados entre gerações, destacando-se a feitura da renda turca de bicos e das palmas barrocas. Os dois rios – o Sabará e o das Velhas – e as minas de ouro desativadas nos arredores testemunham a movimentação de outros tempos. É quase sempre a partir desse cenário mais amplo que o Museu do Ouro se insinua ao visitante. A seguir, são apresentados dois exemplares do patrimônio histórico de Sabará que, entre outros monumentos, marcam e descrevem visualmente a cidade:

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO



Andréia Figueredo.

FACHADA DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO, construída em Sabará na segunda metade do século XVIII, com portada de Aleijadinho. Na sua decoração prevalece o estilo rococó.

Localizada nas proximidades do Museu do Ouro (o trajeto pode ser feito a pé), essa igreja foi construída na segunda metade do século XVIII, prevalecendo o estilo rococó na sua decoração. De acordo com

informações do historiador Célio Macedo Alves, a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo se instalou na Vila de Sabará no ano de 1761, com sede provisória na Igreja Matriz, e logo os irmãos da Ordem trataram de erigir o seu próprio templo. A Igreja do Carmo marca, indelevelmente, a presença do genial escultor, Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, em Sabará.

Segundo Alves: “ali o artista esteve por diversas vezes, inicialmente, na decoração da fachada principal da igreja; depois retornando para fazer dois santos para a Ordem; regressando pouco depois, dessa vez para decorar a nave com sua grade, coro e púlpitos (...)”. Desse modo, o historiador reconhece que “o conjunto de obras que o artista mulato e sua oficina executaram na cidade está entre os mais significativos da arte do período colonial”.

Centenária, a Ordem Terceira do Carmo de Sabará permanece em atividade, mantendo a tradição de seus cultos e ritos. A igreja é aberta para a visitação pública de terça a sábado, de 9h às 11h30 e de 13h às 17h, e aos domingos, de 13h às 17h. Em frente à igreja, localiza-se o pequeno cemitério da Irmandade, onde os mortos são encerrados em gavetas, nas paredes.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO Ó



Ricardo Rosa.

A IGREJINHA DE NOSSA SENHORA DO Ó, de 1717, apresenta influência oriental no seu interior e exterior. Seu curioso nome está ligado à invocação a Nossa Senhora da Expectação do Parto.

A “Capelinha do Ó”, como é chamada, foi construída em 1717, no antigo arraial de Tapanhuacanga. Muitos que a visitam a consideram uma das mais encantadoras igrejas de Minas Gerais. O seu exterior

possui aspecto singelo, porém, internamente, “o elaborado trabalho de talha e as pinturas em vermelho, azul e ouro formam um delicioso conjunto de sabor exótico”, nos dizeres da escritora Lúcia Machado de Almeida.

A igreja apresenta influência chinesa tanto na arquitetura, quanto na decoração interna, por isso a escritora sugere “que ninguém perca a oportunidade de conhecer essa minúscula e preciosa obra-prima da arte barroca, onde se fundem, inesperadamente e com rara felicidade, o Ocidente e o Oriente”.

O nome curioso da igreja tem a sua origem ligada à invocação a Nossa Senhora da Expectação do Parto. Nas celebrações que antecedem o nascimento de Jesus, instituídas na Espanha medieval, eram cantadas sete antífonas, iniciadas com o vocativo “Ó” (Ó Sabedoria... Ó Andonai... Ó raiz de Jessé...), por isso a festa se tornou conhecida pelo povo como “Festa do Ó”, e a Nossa Senhora da Expectação do Parto passou a ser invocada como “Nossa Senhora do Ó”. Em torno dessa devoção, os moradores do arraial reuniram esmola para erigir a capela. A igreja dista cerca de dois quilômetros do Museu do Ouro e pode ser visitada diariamente, de 8h às 17h (fecha para almoço).

Mais informações sobre esses e outros atrativos turísticos de Sabará podem ser obtidas junto ao Centro de Atendimento ao Turista, no telefone: (31) 3671-1403.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Ao final da leitura, podemos perceber como as relações humanas, pautadas por sentimentos de exploração, cobiça, violência, riqueza e poder estão presentes, de forma significativa, na formação do nosso conceito como grupo social. O fato de ter sido uma importante repartição administrativa da Coroa Portuguesa, responsável pelo controle e tributação do ouro, durante o período áureo de sua exploração no Brasil, denota e desperta, no visitante, toda a carga simbólica que o casarão do museu, seus elementos decorativos e seus acervos possuem e, também foram acumulando, ao longo dos séculos.

Percorrer as salas e os ambientes do museu apresenta-se como um estimulante exercício de reflexão e questionamento acerca da nossa própria trajetória como nação. Venham nos visitar, divulguem e retornem outras vezes ao Museu do Ouro.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Passeio a Sabará. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALVES, Célio Madedo. A arte de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em Sabará. (Opúsculo). Sabará, novembro de 2014 (mimeo).

ANASTASIA, Carla. Entre Cila e Caribde: as desventuras tributárias dos vassallos de Sua Majestade. *Varia História*, n.21, p. 237-246, jul./1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. Rio de Janeiro: Record, 2011.(Primeira edição em 1930).

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Rodrigo e o SPHAN - coletânea de textos sobre patrimônio cultural. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória, 1987.

BARANDA, Oneyr. As casas de fundição em Minas Gerais. *Kriterion*, v. 14, n. 55/56, p. 250-263, 1973.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. A decadência das Minas e a fuga da mineração. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. O Brasil dos viajantes. São Paulo: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994. vol. 1.

BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. Dicionário histórico do Brasil: Colônia e Império. Belo Horizonte: Ed. Autor, 2001.

BOXER, Carlos. R. A Idade de Ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

FUNDAÇÃO João Pinheiro. Códice Costa Matoso. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro CEHC, 1999.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Nacional, 1974.

JORNAL Estado de Minas. Ouro de Minas – 300 anos de história. Belo Horizonte, p.7, 15/05/2005.

MATTOS, Aníbal. Monumentos históricos, artísticos e religiosos de Minas Geraes. Belo Horizonte: Edições Apollo, 1935.

MELLO, Suzy de. Barroco Mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PASSOS, Zoroastro Viana. Em Torno da História do Sabará. 2º vol. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942.

PINTO, Virgílio de Noya. O ouro brasileiro e o comércio anglo-

português: uma contribuição aos estudos da economia atlântica no século XVIII. São Paulo; Brasília: Ed. Nacional; INL, 1979.

PROEBER, K. A Casa de Fundação de Sabará. Rio de Janeiro: SPHAN, 1950.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Negociações sobre formas de executar com mais suavidade a “novíssima” Lei das Casas de Fundação. *Varia História*, n.21, p. 259-275, jul./1999.

ROSA, Antônio Santa. Conhecendo o Sabarabussu. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

ROSA, Ricardo Alfredo de Carvalho. A Casa de Intendência e Fundação do Ouro de Sabará: a sala dos Quatro Continentes e algumas questões iconográficas. Coleção História - Ars, Techné, Technica: a fundamentação teórica e cultural da perspectiva. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009, p. 137-149.

SIMONSEN, Roberto. História econômica do Brasil: 1500-1820. São Paulo: Nacional, 1935.

SOUZA, Laura de Melo e. Desclassificados do Ouro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

VASCONCELOS, Diogo de. História antiga das Minas Gerais. Belo

Horizonte: Itatiaia, 1999.


_____. História média das Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

_____. Minas e os quintos do ouro. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. v. 6, 855-965, 1901.

Revista do Arquivo Público Mineiro, v.1, p., 1896.

Revista do Arquivo Público Mineiro, v.16, p., 1911.

Revista do Arquivo Público Mineiro, v.32, p., 1977.



Essa publicação foi impressa no formato 140 x 140 mm, em Papel Offset 120 gr, capa em papel DuoDesing 250 gr, impresso a 4/0 cores. O acabamento é dobrado, alceado, capeamento brochura colado PUR, BOPP fosco na capa, refileado. A tiragem é de 1.000 exemplares.

Endereço

Rua da Intendência, s/n - Centro
Sabará - MG

Horários

Casa de Intendência e Fundação do Ouro

Terça a sexta-feira

das 10h às 17h

Sábados, domingos e feriados

das 12h às 17h

Arquivo Histórico e Biblioteca - Casa Borba Gato

Segunda a sexta-feira

das 09h às 15h

Telefone/Fax

(31) 3671-1848

mdo@museus.gov.br

